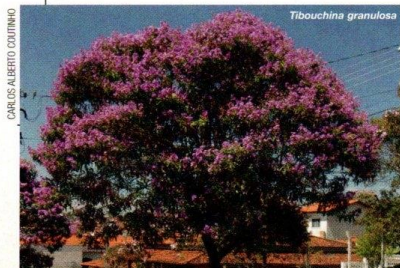


### MARÇO

#### Água demais, frutos no chão

As famosas águas de março derrubam os últimos frutos da abundância, em todo o Centro-Sul do país. Os animais frugívoros acumulam gorduras para enfrentar os próximos meses, durante os quais a seca deverá ser mais rigorosa que o frio, sobretudo neste ano, em que as previsões climáticas apontam a possibilidade de temperaturas médias mais elevadas. As aves migratórias retardatárias deixam seus portos de veraneio para voltar para casa. As tesourinhas (*Muscivora tyrannus*) juntam-se em grandes grupos ao longo dos arames farpados para o longo voo. Milhões delas agora deixam os estados brasileiros do Sul, dirigindo-se ao Hemisfério Norte. Diminuem os períodos de atividade dos insetos, limitados pelas chuvas. Nos dias de sol, os polinizadores ainda circulam junto às exuberantes quaresmeiras (*Tibouchina granulosa*), que enfeitam ruas e matas secundárias, em tons de lilás e rosa. Mas o mês é mesmo dos besouros e artrópodes, que se fartam com os frutos caídos e restos da vegetação no chão das florestas e bosques.



CARLOS ALBERTO COUTINHO

*Tibouchina granulosa*



FABIO COLARINI

*Tamandua tetradactyla*

#### Caçador de esconderijos

Entre os mamíferos, continuam ativos aqueles que se alimentam de formigas, térmitas, larvas e outros bichinhos comedores de madeira. Os canais e túneis escavados dentro de troncos ou galhos em decomposição, as galerias dos cupinzeiros e diversos tipos de ninhos os protegem das chuvas e dos predadores mais generalistas, mas são inúteis contra um especialista como o tamanduá-mirim (*Tamandua tetradactyla*). Com garras poderosas, ele abre caminho até os melhores esconderijos, guiado por um olfato apuradíssimo. À noite, em florestas cheias de cipós emaranhados, é possível localizar tamanduás-mirins pelo som de galhos quebrando. Esta é uma época em que as fêmeas acumulam energia para o acasalamento - que ocorre durante o outono - e a gestação - que dura de 130 a 150 dias. Normalmente é gerado um filhote por ano, que nasce sem o "colete" que caracteriza a espécie (daí seu outro nome tamanduá-de-colete). O filhote anda agarrado às costas da mãe até aprender a se virar por conta própria, quando então cai no mundo, em busca de um território próprio.



FOTOS: SILVANA SILVA

Talisia esculenta

## Doces cachos

Nas matas localizadas entre o Rio Grande do Norte e São Paulo - e nos quintais mais tradicionais das regiões Norte e Nordeste - é tempo de pitomba (*Talisia esculenta*), que nas regiões mais quentes já frutifica desde janeiro. Doce e amarelada, de casca fina, ela dá em cachos, na ponta dos galhos de uma pequena árvore, que alcança, no máximo, 12 metros. A pitombeira tam-



Byrsonima verbascifolia

bém cresce em matas secundárias, para felicidade das aves, que se fartam até o final do mês. Com um pouco mais de prazo, até o final de abril, os insetos se juntam às aves para apreciar os cachos vermelhos de uma outra frutinha da Mata Atlântica, entre a Bahia e o Rio Grande do Sul: a tucaneira ou tarumã-branco (*Citharexylum myrianthum*), que ainda atrai macacos e mesmo peixes, caso os galhos se debruce sobre lagos, rios ou represas. A árvore ultrapassa os 20 metros e agüenta solos encharcados de várzeas, por isso é indicada na recuperação de matas ciliares. Nos cerrados do Centro-Oeste termina este mês a frutificação do murici (*Byrsonima verbascifolia*), consumido também pelos homens, in natura, em sucos, licores ou geléias.

## De volta ao bando

Terminada a época de reprodução, os casais de irerê (*Denârocygna viduata*) voltam a integrar os enormes bandos, que descansam em lagos e remansos de rios mais calmos. Dos ninhos - feitos no chão entre touceiras de capim - saem os filhotes de 'cara suja', assim chamados por que ainda não têm

'máscara' de penas brancas dos adultos. Os irerês estão mais ativos ao anoitecer, sendo facilmente reconhecidos pela voz, que repete as sílabas do próprio nome, com ênfase na primeira sílaba (í-re-rê). Alimentam-se de sementes e invertebrados, que filtram das águas rasas através do bico serrilhado.

## Pescarias a escolher

Março é um mês cheio de opções para o pescador. Com o fim do período de defeso da piracema na maioria das bacias hidrográficas, dá para escolher entre peixes de água salgada e de água doce e, nos dois casos, a variedade é grande. O período da piracema acabou nas bacias e rios São Francisco, Paraguai, Tocantins, Gurupi, Araguaia, Jari e no Mato Grosso. A partir do dia 16, a pesca será liberada nos rios do Amazonas, Pará, Rondônia e Acre e, no dia 17, no rio Parnaíba, sempre respeitando as condições e cotas de cada região. A época é boa para fisgar os predadores - os preferidos do pescador esportivo - como o dourado, a cachara e a cachorra, desde que os rios estejam baixando. Os pequenos peixes presos nas lagoas estão saindo em direção aos rios. Os predadores ficam à espera do banquete nas bocas dos corixos. Como o regime de chuvas foi irregular neste verão, convém verificar antes as condições do rio. Se ele ainda estiver cheio, a dica é a pesca de batida do pacu, atraído pelas frutas que caem das árvores. Na água salgada, a substituição dos peixes de maior ocorrência é pequena: saem agulhão, betara, caçonete, cavalinha, robalo e entram tainha, vermelho e olhete. Claro que a previsão de calendário nem sempre "bate" com a realidade: dependendo do ponto do litoral brasileiro e das variações climáticas algumas espécies podem aparecer ou sumir fora do prazo. Mesmo assim é grande a variedade de peixes de água salgada nos primeiros meses do ano.

LIANA JOHN E VALDEMAR SIBINELLI



CARLOS ALBERTO COIMBRA

Piaractus mesopotamicus